

## Lista de Diálogos

### A Mulher da Luz Própria

Roteiro, Argumento e Direção de Sinai Sganzerla

Oi. Boa tarde. Boa noite.

Podemos agora ler o texto.

Quem é Helena Ignez? Essa é a pergunta... Essa é a pergunta que eu faço para o filme. Uma biografia? O lugar onde nasceu? Onde ela estudou? Os filmes que ela fez?

Será isso o suficiente pra dizer quem é Helena Ignez?

O amor que ela dedicou, na vida, a algumas pessoas?

Será isso o suficiente pra se entender uma pessoa?

Nasci na Bahia.

Sou nordestina.

Mulher e nordestina.

Tendendo, duplamente, para o marginal na sociedade.

Pro secundário.

Pro mal-entendido.

Eu nasci em plena Guerra.

Meus antepassados, por parte de pai, foram os engenheiros responsáveis pela construção do Elevador Lacerda.

Meu avô materno fundou, no interior da Bahia, a cidade de Pojuca. Atualmente, é uma das cidades mais violentas do Brasil.

Meus pais eram muito amorosos. A minha mãe era uma santa. Diziam: – “Pô, como é que é Leninha tem uma mãe tão santa?” Leninha era bem endiabrada.

Mas isso me fez ter uma ligação com os injustiçados. E é a eles que eu realmente amo.

Meu pai foi meu companheiro de farras.

Me ingressei na alta sociedade baiana, no high society.

Fui convocada para um concurso de Miss Bahia. E os organizadores desse concurso, dos *Diários Associados*, me ofereceram para eu escrever uma coluna social. Assumi esse pseudônimo, Krista. Eu falava muito de artistas, de grupos de artistas que estava, naquele momento, conhecendo, pintores amigos meus. Deu uma melhorada, uma aliviada, numa crônica social tradicional.

E aí foi aberta a Escola de Teatro da Bahia, e eu fui conhecer a Escola de Teatro.

Imediatamente, no teatro, de cara, me identifiquei com a profissão – que jamais poderia ter sido outra –, a de atriz que, naquela época, também, estava ligada ao que eu sempre fui: dançarina. Canalizou esse movimento do corpo. Saí do mundano pra entrar na arte.

A Escola de Teatro da Universidade da Bahia foi uma formadora de pensamento.

Martim Gonçalves era o diretor da Escola de Teatro. Me deu possibilidades de – antes mesmo de terminar o curso – brilhar em Salvador.

Na Faculdade de Direito conheci Glauber, no dia do aniversário dele. Eu comecei a estudar Teatro e ele era aluno da Escola, também, mas como ouvinte.

Um namoro muito ligado às nossas opções de vida, que estavam sendo tomadas naquele momento. Ele querendo dirigir filmes, eu querendo ser atriz.

Eu aproveitei um prêmio que eu tinha ganho de glamour girl. O próprio presidente do banco que veio me dar o prêmio, em pessoa. E eu falei pra ele desse menino que era meu namorado, Glauber. E imediatamente assinou um cheque. O que deu pra fazer bem o filme.

Eu e Glauber nos casamos com 19 anos.

Eu era atriz, contratada da Escola de Teatro, e ele era repórter policial.

Um ano depois de casados nasceu Paloma, minha primeira filha.

*A grande feira* foi o primeiro longa-metragem.

Glauber ia pro Rio, estava fazendo um filme, terminando *Barravento*. Eu fiquei em Salvador, morando com os sogros.

O nosso casamento não poderia ser um casamento em que eu esperasse o marido, tecendo, como se esperou Ulisses.

Nesse momento, quando ele saiu de Salvador, ele teve também uma namorada. Não só eu que tive um namorado.

Mas a namorada dele seria totalmente aceitável.

Mas o meu namorado, não... Meu namorado me tornava uma adúltera.

“Adúltera manda-se matar”.

Foi uma separação litigiosa, mas sem divórcio. O que existia era desquite. Isso era extremamente malvisto por toda a sociedade local, naquele momento.

Zero direito pra mulher. Consequentemente, uma mulher perderia a guarda da filha, como muitas perderam.

Eu fui escorraçada de Salvador com 22, 23 anos de idade. A baianada tinha medo de mim. As senhoras da sociedade viravam a cara pro outro lado. Mas elas já não me suportavam de antes – elas estavam loucas pra eu ir embora.

O Martim também saiu da Bahia, como eu..., meio expulso.

As paredes do bairro em que ficava a Escola de Teatro ficaram cobertas de “Vai embora, viado!”, “Saia, viado!”

Eu também era uma viada, igual e ele. Era uma artista. Artista também é viada.

Segui pro Rio pra seguir a minha vida.

– “Você dirige?”

– “Só a minha vida”.

– “Vamos dançar, neguinho”.

E eu ficava em dúvida se somente a minha presença era motivo pra Glauber ir contra o filme, muito fortemente.

Eu perdi vários amigos com essa estória dessa separação.

Olney, não.

Sempre foi meu amigo e me convidou pra fazer esse filme.

Coisa que a maioria das pessoas não tinham coragem.

Foi exatamente quando surgiram as Ligas Camponesas, em que eu participei das primeiras reuniões junto com Julião... Francisco Julião, advogado, grande coordenador das Ligas Camponesas.

– “O analfabeto é um morto! Vocês têm que aprender a leitura pra defender o direito de vocês!”

Tive essa incrível honra de participar do início das ligas camponesas, que vinham com muita força.

O terror de Kennedy, que deu todo apoio possível ao golpe de 64 para destruí-las. Na época em que eu era atriz do CPC da UNE, meu cunhado, casado com uma irmã, que era também militar, mandou me revistar porque ele achou que eu era um pombo-correio que estava levando informações para cúpulas comunistas etc. Coisa que absolutamente não estava acontecendo...

– “O negócio agora é na base do Ato Institucional. Inclusive, a aeromoça aqui vai também. Ela e o cavalheiro”.

Vamos repetir o que já se sabe... Já é a história do Brasil.

Minha filha veio comigo de Salvador.

Trouxe também uma babá, que cuidaria dela quando eu estivesse no teatro.

E numa dessas noites ela não estava. Foi levada de mim por ordem do pai.

Então, foi tudo muito difícil. E eu repito, como Cocteau: “Minha vida nunca foi fácil”.

Perdi a guarda da minha filha por ser atriz e trabalhar como atriz.

Musa do Cinema Novo.

Nunca me senti musa.

Percebia que eu estava sempre criando um movimento para subsistir, pra existir, pra ser.

A importância do teatro em minha vida é absoluta.

Conheci Julio Bressane. Ele foi assistir a uma peça de teatro em que eu trabalhava.

Se desenvolveu uma amizade, um convite para um futuro filme.

Ele se apresentou como fã, e começamos a namorar.

Foi um namoro cinematográfico, intenso, apaixonado.

E, também, como se ambos soubéssemos que nós iríamos seguir nossas vidas com outras pessoas que iriam ser mais definitivas em nossas vidas.

Rogério entrou em contato dizendo que gostaria de me conhecer. Levou o roteiro do *Bandido*. De cara aceitei e depois continuei a minha agenda que era ir pra Cuba e pro Festival de Berlim. Eu cheguei com o filme já na metade.

– “A vida não é mole, não. É mole pro Matarazzo, pro Rockfeller. O Frank Sinatra é que tinha razão”.

Eu conquistei Rogério.

Sou sete anos mais velha do que ele. A minha história, que poderia ser dolorida pra mim. Ou, para outro, ser impossível de se associar... Tinha um casamento ruidoso com um outro de cinema muito internacional...

Então, tinha um lado que era um atraso.

– “Sou Ângela Carne e Osso, a Ultrapoderosa Inimiga Número 1 dos Homens. Nós não gostamos de gente”.

– “Minha paixão por você aumenta de 8 em 8 minutos”.

Houve uma certa criminalização. Um pretexto para atacarem também a minha relação com Rogério, como se Rogério me explorasse.

Musa do Cinema Marginal.

”Esta mulher é de todos”

Esse foi mais difícil de eu aceitar totalmente.

Eu fiz filmes livres, independentes. Mas não filmes marginais.

– “Sou socióloga, ladra profissional, cientista louca. Mas o meu maior sonho mesmo é misturar carne humana com Coca-Cola, ice-cream, pipoca e chocolate”.

Com Rogério e Julio Bressane fiz a Belair, e aí foram mais sete filmes. O projeto era fazer uma série de filmes radicais, perigosos. E que, também, modificariam o cenário cinematográfico do Brasil.

– “Puxa, me disseram que essa gente era diferente, mas vai ser diferente assim em Bariloche”.

– “Cuidado, hein, moço, que a gente morde!”.

– “Ah, é? Eu também morde e não sou vacinado”.

– “Perdeu a chupetinha, né? Perdeu a chupetinha” ...

– “Bacana, né? Que barato! Vocês aí nessa galinhagem e a mamãe aqui se virando. Eu sou presidente dessa pocilga! E vou voltar com leite e pão pro povo! É isso, hein? ‘Me Tarzan, you Jane!’”

Foi um período também de grande solidariedade, altamente criativo. Estávamos sempre juntos.

– Planetazinho vagabundo! O sistema solar é um lixo!

– “Planetazinho vagabundo! Subplaneta!”

– “Subplaneta. O sistema solar é um lixo!”

Eu sou uma pessoa que precisa atuar, ter outras vidas, ser outras pessoas, pensar de formas diferentes.

Eu tenho uma necessidade de multiplicação. Crio situações com o meu corpo.

– “Fome. Sede. Dança. De Gomorra vieram seus bárbaros antepassados. Na primavera do ano 1080, Nicolau de Cusa *estuprou* uma princesa ocidental descendente de Gengis Khan, concebendo Davi. E Davi gerou Dom Fernandes. E Dom Fernandes gerou Diacuí. E Diacuí gerou o preto velho Zezinho da Perna Dura. E Zezinho da Perna Dura gerou Noel. E Noel gerou Edmilson. E Edmilson gerou Aristides. E Aristides gerou ela: Sonia Silk, a Fera Oxigenada”.

Mil coisas me interessaram muito profundamente. Essa energia de viver o mundo.

– “Ontem sonhei com aqueles monstros malfeitores. De novo apareceram homens-leopardos, homens-cobras, cachorros de sete patas, animaizinhos e todos os monstros contra nós, duros. Um mundo de barreiras, proibições, inibições”.

– “Daqui pra frente você vai trabalhar pra mim. O dinheiro seu vai ser todo meu. A gente vai viver junto num barraco”.

– “Tá pensando que eu sou otária? Meu dinheiro é pra *mim* gastar, meu filho”.

Com nossos recursos, através de nossos próprios esforços para fazer cinema.

– “Regime? Basta o que eu vivo. Que isso?... Um dia desses eu acabo com a folga dessa mulher”.

Em 70 a coisa engrossou.

Éramos chamados de underground, ou udigrudi.

Os filmes sofreram uma marginalização dentro do Brasil.

– “Não gosto de música alta em minha casa!”

Nós já estávamos sendo vigiados. Na minha casa tinham pessoas que ficavam na esquina.

Tinham entrado também no apartamento. Fizeram uma revisão total do que nós fazíamos, do que nós líamos, dos nossos hábitos.

Um período de corte de esperanças.

Um estado de violência, onde as pessoas desapareciam.

Mas já se sabia o fim: desaparecer com os filmes, e, possivelmente, com nós também.

Daí essa imposição existencial de tirar o seu corpo fora desse terror.

Londres foi uma bipolaridade. Uma vivência intensa no Swinging London, o que havia de mais efervescente no mundo. E uma saudade intensa do Brasil. Queria estar trabalhando lá, fazendo filmes lá...

E no inverno... Aí foi duro demais. Às três horas já era noite. Aí fomos pro Marrocos.

Da África do Norte, a travessia do Saara, outra aventura.

Enquanto você está no meio dessa roda total de acontecimentos, você às vezes se sente perdida.

Diz: – “Será que eu vou chegar a algum lugar?”

Por que essa atração enorme pelo deserto, em que escapamos vivos?

A verdade é esta: escapamos vivos.

Dificuldades enormes. Estávamos muito visados.

Um país que não gostava dos artistas. A liberdade de expressão totalmente tolhida. Os seres humanos sendo chamados de “elementos”.

E a ditadura continuando...

Fomos pra Salvador.

Era o que podíamos fazer: nos desenvolvermos interiormente para que as coisas melhorassem, se transformassem.

Ficamos semiescondidos por lá, tendo uma vida... uma vida particular muito rica.

Nasceu minha filha, Sinai.

E, depois, Djin.

Em 1976, com a crise total que estava o cinema, vendi meu apartamento pra fazer um filme.

Interessante que meu nome não está como produtora do *Abismu*.  
Os anos 70 foram assim.

E, de novo, uma forte introjeção.

Eu queria entender mais a vida. Precisei de uma outra reflexão.

Relembrei de um mantra que estava no *Hair*, um espetáculo de teatro em que eu trabalhei.

E mergulhei profundamente nessa viagem.

Me tornei Lilavan Devi Dasi.

Aprendi várias coisas para o futuro e o presente.

E, durante anos difíceis, fiz leitura de mãos, quiromancia... E, com isso, pagava minhas contas.

Eu tinha ouvido de um quiromante: – “Você vai voltar ao cinema. Isso é tão forte como você estar aqui. Você vai ter as rédeas. É um recomeço”.

Houve esse tempo em que eu fui abduzida por outras atividades. Para mim, foi uma experiência fortíssima.

Eu retomei tranquilamente a minha personalidade.

A ser Helena Ignez.

– “Mr. Welles, when do you think the war will finish?”

Interessante que eu tinha conhecido Orson Welles...

– “When do you think the war will finish?”

...no Festival de Berlim, onde estive com *O padre e a moça*. E ele falou do Brasil, falou de Grande Otelo... Perguntou por ele, esse ator extraordinário.

– “Grande Grande Otelo”...

– “Foi bom trabalhar com Orson Welles, D. Helena Ignez”...



– “Vatapá, caruru... Acarajé forte... Frutas tropicais”...

Sair dessa concentração interior para um trabalho no cinema era uma viagem.

– “Você se lembra de mim?”

– “Não, senhor”.

– “É casada?”

– “Graças a Deus”.

– “Vamos. Ainda tem muito jogo”.

– “Nós temos que andar para a frente e pensar em vertical”.

Recebi uma telefonema da Suíça pra eu participar de um festival, e como homenageada.

Foi minha primeira homenagem internacional.

33 filmes.

Foi uma homenagem belíssima.

Coisa nunca vista.

E eu não entedia. Só entendia pelo misticismo.

Flores que duram segundos, minutos, apenas dias.

A Natureza é a gente mesmo... que nos leva além de nós mesmos.

Comecei novas pesquisas sobre mim mesma.

Pesquisas que levariam a um outro lugar.

Depois dos 60 anos, eu fiquei extremamente interessada na direção de cinema.

Desejo que surgiu de uma indignação.

Esse foi o meu primeiro impulso para dirigir filmes.

Tinha sido feito um container do Vito Acconci para os moradores de rua, para pessoas numa situação sem teto.

A prefeitura ia acabar com aquele espaço. Então, eu imediatamente tive vontade de filmar essa situação, e entrar em contato com os moradores locais, e também com o Vito Acconci, em Nova York.

Rogério montou esse filme. Como sempre, meio esperto para o futuro, prevendo situações, ele fez questão de montar muito rapidamente. Eu falei: – “Mas pra que tanta pressa, Rogério?” Ele olhou pra mim... Olhou... Olhou pra mim... E só. Não disse uma palavra.

Deixou um mistério. E o mistério existia porque muito rapidamente, depois de o filme ser feito, ele já não estava mais entre nós.

Quando o Rogério faleceu, eu vi que seria imperdoável se eu não levasse à frente o roteiro que ele tinha deixado, em que ele estava trabalhando, que era a volta do *Bandido da Luz Vermelha*.

– “Cada passo conta, fica na memória. A morte, atriz ou comparsa do meu drama? Pouco importa, pois todo drama é uma farsa... Não será tanta a minha vida que contarei, mas sim a de uma geração inteira”.

Luta é o feminino de luto. E essa luta vi como uma missão.

Entendi que o meu lugar no cinema seria como autora, também.

– “Matar a morte e ressuscitar a imortalidade!”

*Canção de Baal*, da peça teatral de Bertolt Brecht, me interessou pela misoginia do personagem Baal.

Um poeta misógino, um mau-caráter, um destruidor de mulheres.

Esse personagem me interessou.

O que me inspirou a fazer esses filmes foi a necessidade de falar sobre a mulher, sobre o feminicídio escandaloso, sobre a morte aos gays, aos trans, falar sobre a cultura indígena, esquecida, massacrada.

Numa sociedade arcaica, só se pode esperar designações como “a mulher de”, “a mulher do outro”, “a mulher daquele”, “a ex-mulher” – ou “a viúva”.

A mulher como segunda pessoa.

Ser mulher é saber se defender porque a barra não está fácil. Nunca esteve. Todas nós, mulheres, passamos por uma situação desagradável, em que nada da nossa vontade estava presente.

Eu sofri abuso infantil, abuso juvenil, e, depois, abuso já mulher, com filha.

O abuso humilha.

Humilha profundamente.

– “Enquanto, na sociedade machista, algumas mulheres forem invadidas e humilhadas por serem consideradas vadias, somos todas vadias, somos todas santas. E somos todas livres. E somos todas fortes”.

O maior ato criativo é a construção da própria vida.

– “O epicentro do mundo”.

– “O Brasil é um dos líderes mundiais em assassinato de pessoas trans. A exibicionista saúda todos os gêneros atravessados e marginalizados através de milênios de cultura”.

– “A trama é simplesmente esta: mudar a face da Terra”.

– “Esta é a minha cidade. E eu grito verdades!”

“Faquir” é uma palavra árabe que quer dizer “pobre”. É também uma arte milenar, uma prova de resistência à dor, à fome. Achei muito interessante esse tema.

– “Todas as faquiresas, as artistas da época, eram fichadas como meretrizes. Até o fim dos anos 50 era assim. E era a mesma ficha que identificava as prostitutas, as mulheres que trabalhavam nos cabarés. Eram essas fichas que identificavam as artistas”.

– “O problema é o poder”.

– “Eu fui presa porque citei, em aula, o teórico político anarquista russo Bakunin, morto em 1876. Alegaram subversão e formação de quadrilha. Depois disso, eu e ele fomos considerados suspeitos. Eu recebi um mandado de prisão”.

– “À sabedoria, à saúde”.

– “À saúde”.

Eu tô pra a alegria de fazer cinema, de estarmos todos juntos.

Amo... Amo os personagens. Amo as transformações que eles passam, as revelações.

– “Tem outra luz lá dentro, não vai ser só esta. Mas esta vai dar aquele fundo branco. Tá vendo?”

– “Sei”.

– “Legal, né?”

– “Acho legal. Acho bonito”.

Eu sou um desses personagens reais que perguntam: “Quem sou eu?”

A resposta é mutante. Ela não é a mesma.

O trabalho é esse: descobrir a luz própria.

Somos todos estrelas.

Nascemos pra brilhar.